



#MochiladeSaberes

# Guia para narrar os crimes ambientais e seus impactos na Amazônia

Resistências e narrativas próprias



**USAID**  
DEL PUEBLO DE LOS ESTADOS  
UNIDOS DE AMÉRICA




Internews

Agenda  
propia









Conhecida como o **“pulmão do planeta”**, a Amazônia é de vital importância para o mundo, e agora, quando nos aproximamos ao que os povos indígenas chamaram de **“ponto de não retorno”**,  sua conservação e regeneração é prioritária.

Nas últimas décadas, a região, que abrange os países de Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela, tem enfrentado múltiplos desafios por causa do desmatamento desenfreado, a expansão da agricultura da pecuária, e a mineração legal e ilegal, entre outros fatores humanos.

Todas essas atividades têm devastado a biodiversidade e as formas de vida dos povos indígenas (**mais de 500 na Amazônia**,  66 deles em isolamento voluntário e contato inicial), das comunidades camponesas e quilombolas, entre outras.







Narradoras, jornalistas e comunicadores dos povos indígenas se somam ao chamado urgente de fazer visíveis os conflitos nos seus territórios enquanto fazem resistência e trabalham para curar o dano causado. O jornalismo intercultural e a comunicação própria, comunitária, popular e alternativa são ferramentas essenciais para que, a partir das vozes das comunidades e das suas cosmovisões, sejam compreendidas as maneiras específicas em que estes crimes ambientais afetam as comunidades e a biodiversidade e para que seja possível decidir melhores caminhos para salvaguardar a Mãe Floresta.







“A Amazônia está silenciada porque sabemos que chegar até nossos territórios é difícil, sabemos que muitas vezes a população não tem voz para levar a mensagem para fora”,

**Fany Kuiru Castro,**  
coordenadora geral da Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica [Coica, pelo nome em espanhol].





Este guia –faz parte da **#MochiladeSaberes**,  uma estratégia pedagógica do veículo independente **Agenda Propia** –  que recolhe as recomendações para pesquisar, documentar e fazer visíveis os crimes ambientais que acontecem na Amazônia. O documento está dividido em três seções:

1. O que é um crime ambiental?
2. Perspectivas para a cobertura.
3. As narrativas.

O documento expõe os aprendizados de escutar as experiências coletivas e pessoais de comunicadoras e jornalistas do Brasil, Colômbia, Equador e Peru perante o que acontece na região. Esta ferramenta se soma aos esforços locais para que sejam conhecidas as realidades a partir dos territórios e por diversificar a maneira em que a Amazônia é narrada e compreendida.



#MochiladeSaberes

1.

# O que é um crime ambiental?



Foto: Arquivo de Agenda Propia.




Um crime ambiental se refere às ações cometidas contra a natureza. Sua gravidade é determinada em relação ao impacto infringido pelo crime no ecossistema.

Aqui falamos de fatos como a tala ilegal de árvores, a caça de espécies protegidas ou a mineração sem autorização. Estes atos, apesar de serem prejudiciais para o meio ambiente, são castigadas com sanções financeiras ou penas de prisão limitadas. Enquanto o desmatamento massivo, a poluição de rios com produtos químicos tóxicos ou a invasão de áreas protegidas, normalmente têm penas mais severas.

Para saber mais deste assunto, veja a **comunicação** 🖱️ do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e a **publicação** 🖱️ “O estado do conhecimento sobre os crimes que tem impactos graves no meio ambiente.” [Disponível em inglês.]







“O que acontece no Amazonas vai contra a dignidade dos povos tradicionais e esta não é uma situação atual, é histórica”,

**Kátia Brasil,**  
cofundadora da agência  
para o jornalismo de pesquisa  
independente Amazônia Real.





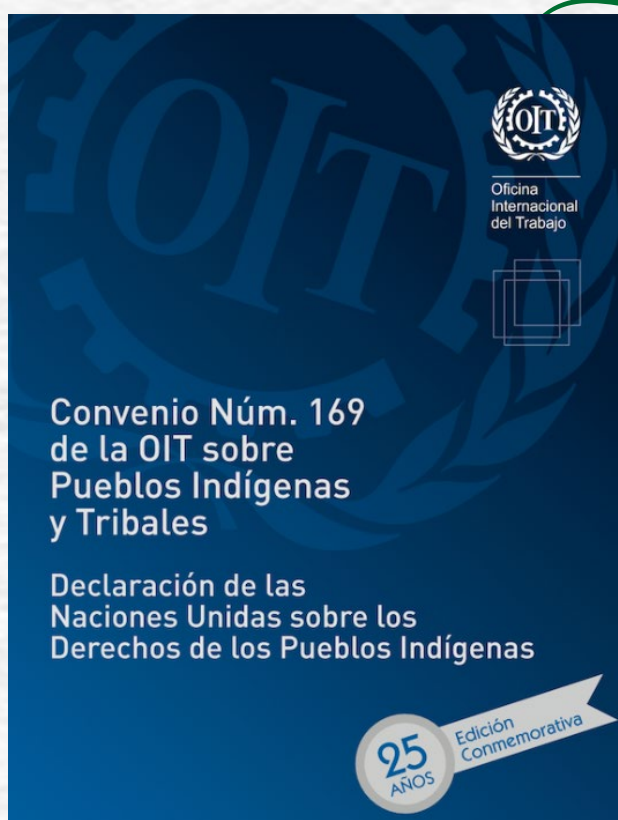
As penas ou sanções e até os crimes mudam de um país para outro, portanto, para cobrir histórias relacionadas é recomendável revisar: 1. O marco jurídico do país, 2. As normas de cada povo e nacionalidade indígena e/ou comunidade tradicional do território e 3. Os instrumentos internacionais.

Se um crime ambiental acontece em um território indígena é importante entender e conhecer a justiça própria de cada povo e nacionalidade para compor as histórias com suas normas comunitárias e suas vozes. A jurisdição especial indígena é reconhecida por vários países enquanto uma forma de proteger sua identidade.

Os direitos humanos dos povos originários também estão reconhecidos em tratados, convênios e constituições. A seguir apresentamos três instrumentos para levar em conta:

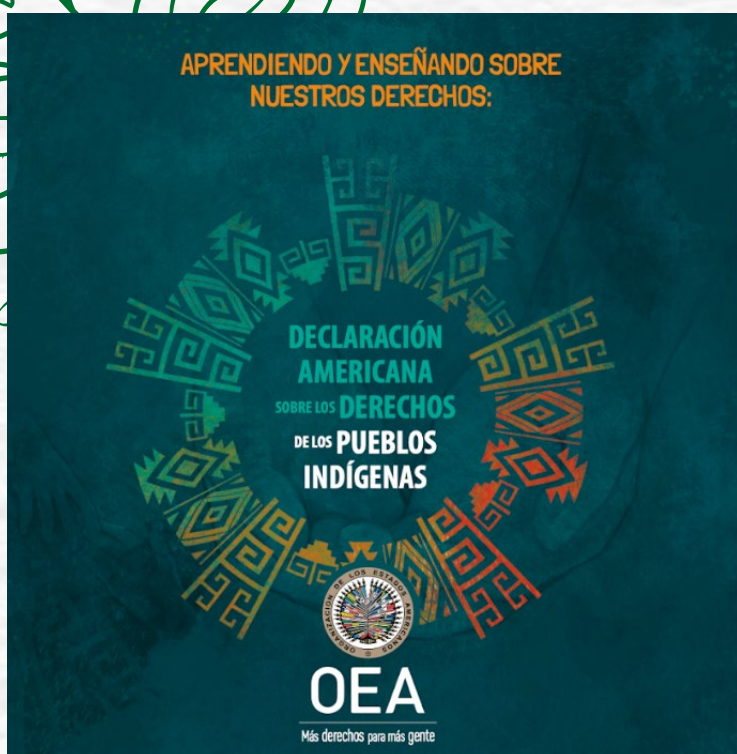






## Convênio 169 da OIT [1989].

Estabelece a consulta obrigatória aos povos indígenas para as decisões que possam afetá-los. Direitos essenciais sobre: administração da justiça, a consulta prévia, livre e informada, à terra/território, aos recursos naturais. Também contempla os direitos de caráter social e cultural.



## Declaração Universal dos Direitos dos Povos indígenas das Nações Unidas [2007].

Base universal de critérios mínimos para a sobrevivência, a dignidade e o bem-estar dos povos indígenas do mundo.



## Declaração Americana sobre os Direitos dos Povos Indígenas [2016].

O primeiro instrumento da Organização dos Estados Americanos (OEA) que promove e protege os direitos dos povos indígenas das Américas.



As e os jornalistas devem refletir sobre as violações aos direitos humanos causadas pelos crimes ambientais, como à alimentação, à saúde, à espiritualidade e à garantir formas de vida relacionadas com a água e a terra, entre outros. Também, devem considerar as violações contra os direitos da natureza e de quem cuida dela.







“O Acordo de Escazú👉 fala da importância da proteção dos defensores dos direitos humanos e da natureza. As pessoas que defendem os direitos ambientais devem agir sem nenhum tipo de ameaça. O Estado deve tomar medidas de proteção para estas pessoas, as quais não cumprem um papel individual, mas um de reclamação de um direito coletivo”,

**Luis Xavier Solís Tenesaca,**  
assessor jurídico na Fundação  
Alejandro Labaka no Equador.





#MochiladeSaberes

2.

# Perspectivas para a cobertura



Foto: Arquivo da Agenda Propia.



Os fatos que prejudicam a Mãe Terra devem ser abordados a partir de diferentes perspectivas. Aqui compartilhamos dois eixos: um sobre impactos e danos, e outro, sobre as resistências que tecem as comunidades para o cuidado dos seus territórios e suas culturas.

### *Impactos e danos.*

Os crimes ambientais produzem múltiplos efeitos nas pessoas, nos animais, nas plantas, no meio ambiente, na espiritualidade, e podem até quebrar os laços comunitários que historicamente representam às comunidades.

Por exemplo, se falamos sobre poluição dos rios pelo uso de mercúrio na mineração ilegal e derramamento de petróleo, podem ser feitas perguntas sobre as mudanças na vida cotidiana e na saúde da população que habita nas beiras dos rios.

A cobertura destas mudanças deve ser específico para mulheres, homens,



meninas e meninos e a população mais velha, já que cada pessoa tem experiências diversas, dependendo da maneira em que se relacionam com o território.


Além disso, as vozes que narram estas situações normalmente são feitas no tempo presente, falando do que acontece atualmente. O convite aqui é a escutar também as memórias do passado. Por exemplo o relato a seguir de Lola Piaguaie, mulher de nacionalidade Siekopaai que fala sobre o impacto na saúde de sua comunidade de um derramamento de petróleo que aconteceu muitos anos atrás:

**“Eu também fui uma das pessoas que quando minha mãe me pariu, eu nasci onde teve petróleo. A consequência é que existem muitas doenças da pele. Minha tia faleceu por causa de um câncer na pele. O petróleo nos trouxe doença, pobreza e divisões.”**






Crimes ambientais como o desmatamento de grandes áreas de bosques primários para expandir a pecuária e a agroindústria, estão associados à ocupação ilegal de terras e prejudica milhares de espécies de fauna e flora, além de afetar os lugares sagrados dos povos indígenas. É o caso dos saleiros, lugares com grandes concentrações de minerais onde os animais vão beber água. Quando a fauna já não consegue se alimentar, é obrigada a migrar e, inclusive, dependendo de sua habilidade para achar novos recursos alimentícios, pode até desaparecer.

A onça, símbolo de força para vários povos originários, é comercializada em mercados ilegais para a venda dos dentes caninos. Quanto mais ela é perseguida, mais se coloca em risco a sobrevivência das culturas e tradições indígenas, como indicam as próprias comunidades e organizações como a **WWF**. 





Também é crucial dirigir o olhar em direção à perda de plantas (muitas delas sagradas e medicinais, como a guayusa, a coca e o yagé [ayahuasca]), a esterilidade do terreno (com a impossibilidade de fazer as semeaduras) e as afetações espirituais que estas situações podem causar às comunidades. Um caso é o do povo binacional Siona ou Ziobain (Colômbia- Equador), que tem denunciado **como o barulho**  **das empresas petrolíferas tem perturbado seu território**, obstruindo sua comunicação com seu animal sagrado nos rituais de yagé.

Outra maneira de expor como um crime ambiental prejudica um território é coletando dados e informações para acompanhar a denúncia. Uma coisa é dizer de forma genérica que um lugar tem sido afetado e outra, é fornecer dados específicos de extensão, quantidade de pessoas, números de hectares etc.





Finalmente, um foco que fala ao mesmo tempo do impacto dos crimes ambientais e da violação dos direitos humanos dos povos indígenas é o da consulta prévia: O povo foi ou não consultado a respeito da intervenção que faria uma determinada empresa de mineração, petrolíferas ou de outro tipo extrativista, no seu território? Se não o foi, quem é o responsável? Se foi, foram consideradas as consequências que hoje está vivendo o território?

*Quais outros impactos você acha que podem gerar os crimes ambientais nas comunidades?*







Ilustração de César Galarza, desenhador gráfico do povo indígena Nasa, Colômbia.

## *Resistências e lutas dos povos indígenas*

As comunidades dos territórios afetados por crimes ambientais resistem e cuidam da terra, tentando curá-la por meio de diversos processos que devem ser documentados e narrados a partir de diversas vozes e perspectivas.

A seguir apresentamos três caminhos de resistências e ideias para criar múltiplas histórias:

**1** **Cuidado de bosques e práticas tradicionais:** semeadura e reflorestamento; cultivo de roçados ou **conucos ancestrais** ✨ para conservar a alimentação própria e a prática do calendário ecológico que regula as semeaduras, a caça e a pesca por meio do conhecimento tradicional.



## 2 Organização comunitária:

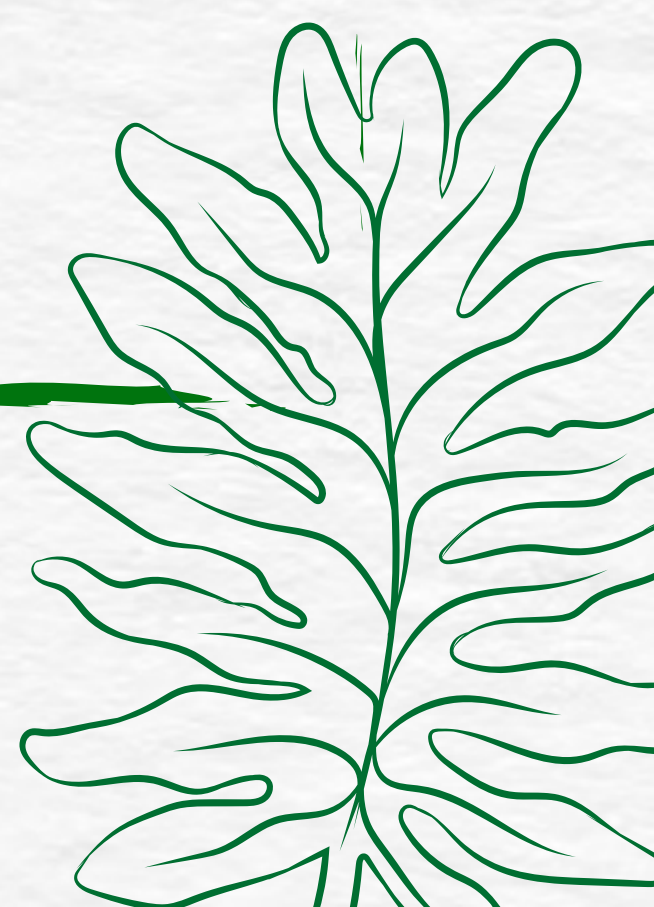
criação de vigias ou grupos de cuidadoras e cuidadores com funções de mapeamento, demarcação e supervisão dos territórios. Também as consultas populares, as mobilizações [passeatas] e manifestações coletivas e artísticas a favor da vida, do cuidado da água, da floresta, da selva etc. E as reuniões autônomas de múltiplos coletivos, como a criação de associações de mulheres tecelãs para conservar o uso das sementes nativas e manter sua cultura e sua economia familiar e social.





**3 Informação própria:** as comunidades também resistem se informando sobre questões como os mecanismos de financiamento climático e a criação de créditos de carbono, assim como produzindo documentários e criando histórias sobre suas lutas.

*Você conhece outras formas de resistência? Conte-nos!*





“Se desejarmos tirar a mineração dos nossos territórios temos que fazer muitas ações e não apenas de comunicação. Temos que fazer ações organizativas, jurídicas, de impacto, mobilizações. Tudo contribui.”,

**Laura Salas,**  
fundadora da Sandia Digital  
e diretora para América Latina  
em Witness.





Comunicar esses esforços serve como inspiração para motivar as lutas de outros povos para curar a terra. Ao fazê-lo é necessário cuidar das e dos protagonistas dos relatos para não os colocar em risco.

Neste tipo de coberturas se recomenda dar atenção ao emocional e ao espiritual das comunidades, das lideranças e das e dos que comunicam ou realizam as reportagens. Nos territórios existem distintos conflitos, não só ambientais, e para narrá-los, o cuidado deve começar no individual para fortalecer o coletivo.





“Nós somos os olhos da floresta, nós sabemos como se devem contar nossas histórias. Como indígenas estamos em conexão mais direta com a natureza, sabemos o que é que acontece quando utilizamos as plantas medicinais, nós nos conectamos por meio da ayahuasca, dos sonhos. A gente diz: sonhamos para viver e vivemos para sonhar. E por meio disso vamos formando nossa própria narrativa, a narrativa a partir das nossas casas, da nossa origem, dos nossos avós”,

**Sani Montahuano,**  
mulher da nacionalidade  
Sapara, cofundadora  
de Tawna Films.





#MochiladeSaberes

3.

# As narrativas

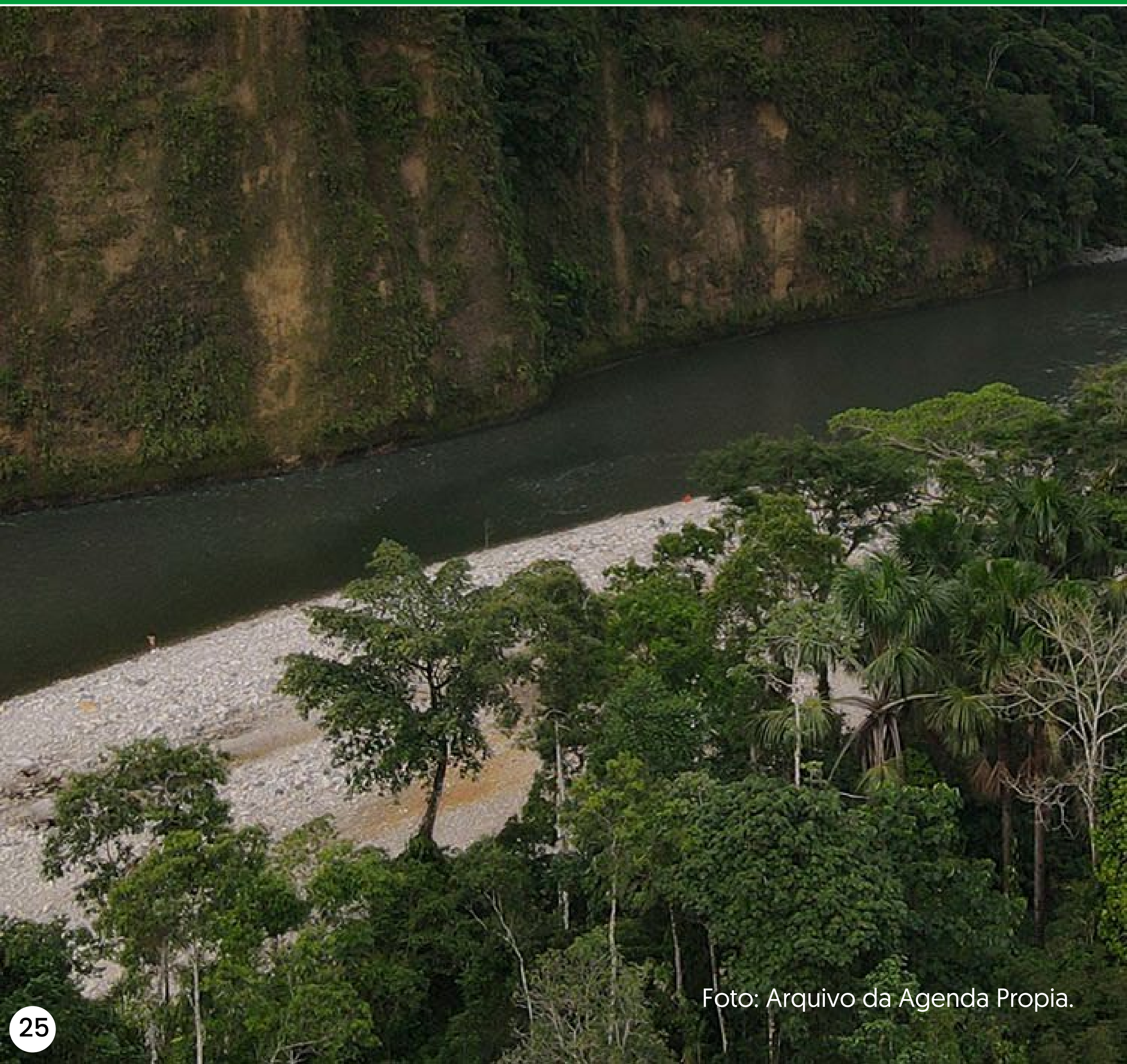


Foto: Arquivo da Agenda Propia.



Como narrar o que acontece no território é um dos maiores desafios das e dos comunicadores. Temos que nos perguntar qual é o fio condutor para contar uma história e quais são as linguagens próprias dos povos que devem ser escutados.

### Alguns conselhos:



É importante construir **perfis das lideranças e histórias de vida** que incluam muitos detalhes como o contexto, aprofundar na luta ou na defesa e descrevam o personagem e sua comunidade. Esse formato não é apenas útil no caso das pessoas, também o é para narrar a natureza como um ser vivo (por exemplo, o rio, a floresta e os animais).





2



O **relato [oral ou escrito]** é valioso para narrar os impactos e as resistências das comunidades. A diversidade de vozes em uma história sempre contribui à compreensão do fato que se está descrevendo.

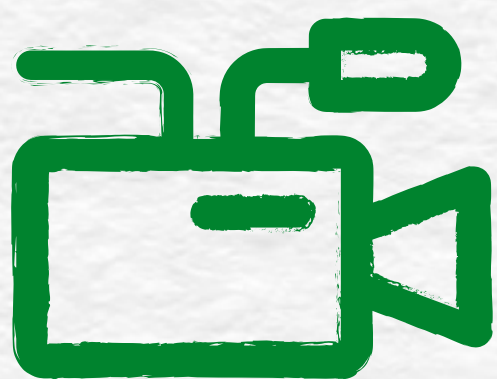
3



**Escute o território!** Preste atenção ao som do rio, ao silêncio que deixaram os animais que partiram e ao barulho que chegou com a intervenção de mineradoras, das empresas petrolíferas e outras indústrias que se dedicam à exploração dos recursos naturais. As memórias também estão nos animais, nas pedras, nas montanhas, nos rios e narrar os crimes ambientais exige uma escuta aguçada para compartilhar essa mensagem. Como já falaram os povos indígenas: **a terra sabe curar, é importante saber escutá-la.**



4



O **audiovisual** é uma ferramenta útil para sensibilizar distintos públicos. Fazendo uso de música que conecte as pessoas com suas emoções enquanto se compartilham imagens e relatos de um território, é possível informar sobre os acontecimentos e, mobilizar emoções que levem à ação.

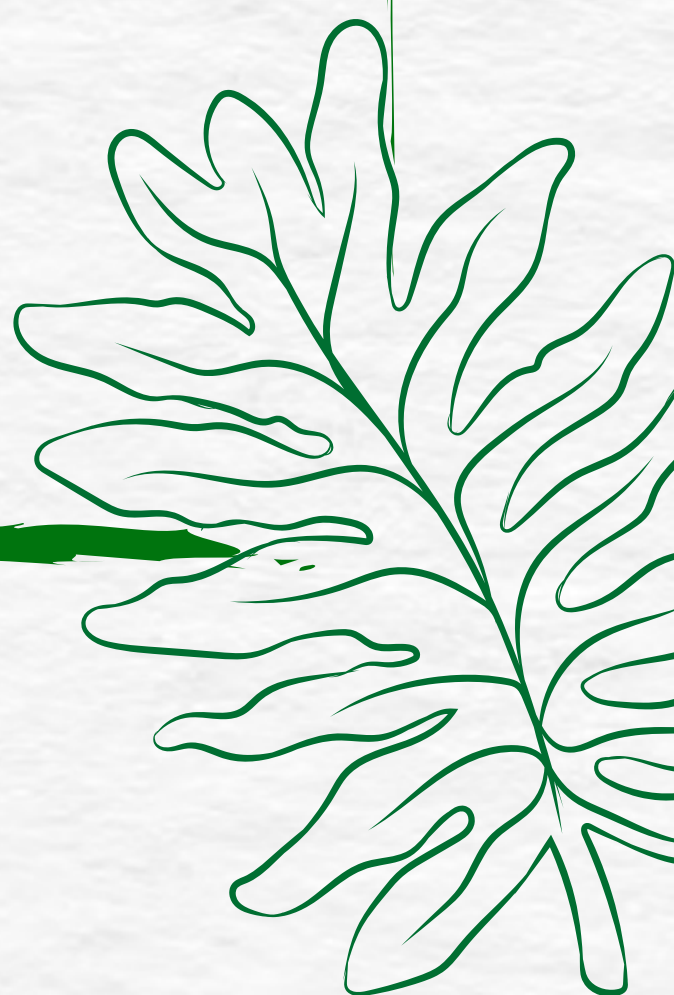
5



O **mapeamento** coletivo do território é uma ferramenta que as comunidades têm se apropriado porque reúnem informação útil de localização e contexto. Sugerimos, também, utilizar mapas de satélite para mostrar as mudanças do terreno.



*Você conhece outras formas  
das narrativas próprias dos  
povos que possam ser úteis  
para narrar os crimes  
ambientais?  
Enumere-as aqui.*






“Partindo do jornalismo podemos apoiar a restauração da Mãe Terra com narrativas de esperança e histórias que contribuam para o contexto de pesquisa, de narrativas que permitam incluir, cada vez mais, as vozes das comunidades e seus sentimentos”,

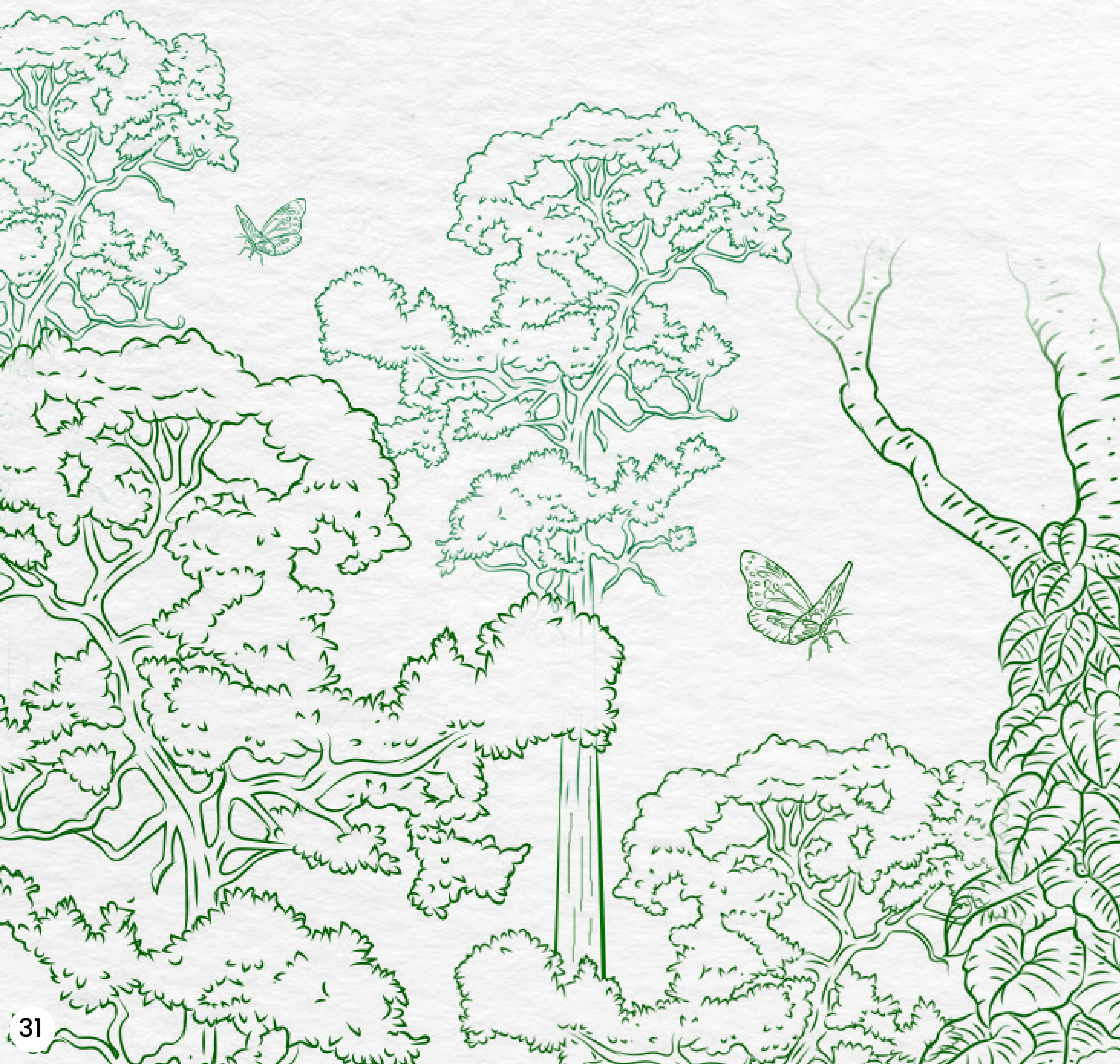
**Edilma Prada Céspedes,**  
fundadora e diretora  
da mídia independente  
intercultural Agenda Propia.









Se comprometer com a inovação das histórias é pensar na cobertura coletiva. Ou seja: buscar co-criar trabalhos com pessoas com habilidades diferentes das do jornalista. Por exemplo, uma pessoa que saiba escrever relatos poderia se juntar com alguém que faça ilustrações ou que faça rádio, da mesma forma como fazemos em **Agenda Propia** com nossa **Rede Tecendo Histórias**. Conheça mais dos **nossos processos**,  para te inspirar.







## Ideias para a divulgação participativa

- 1** Faça leituras públicas das histórias nas comunidades, malocas e escolas. Organize cine ou vídeo-fóruns e exposições fotográficas. Imprima e distribua postais com as mensagens das comunidades que defendem seus territórios.
- 2** Crie vídeos e áudios curtos com o celular (como reels ou micro vídeos de entre 15 e 90 segundos) com as três ideias principais da reportagem. Esse material pode ser divulgado pelas redes sociais e pelo WhatsApp. Na **#MochiladeSaberes de Agenda Propia** vocês encontrarão orientações para produzir estas peças, como **“Ideias para produzir histórias documentais sonoras”** e **“Passos para construir narrativas audiovisuais.”**   [Disponíveis em espanhol]
- 3** Recomendamos fazer uma lista das redes sociais de comunicadores e veículos que possam compartilhar sua história (como a Rede Tecendo Histórias). Abra caminhos para a colaboração na difusão de peças de comunicação e possibilidades para fazer campanhas de impacto.







## Agradecimentos

Este guia nasce do caminhar coletivo de comunicadoras, narradoras e jornalistas dos povos e nacionalidades da região Amazônica da Colômbia, Equador, Peru e Brasil. Entre os meses de janeiro e agosto de 2023, **Agenda Propia** em aliança com a Internews no projeto “Conservando Juntos”, promoveu uma série de encontros virtuais e presenciais com o objetivo de escutar sobre o estado atual da Amazônia diante dos crimes ambientais, a forma como a comunicação dos povos originários está fazendo visível o que está acontecendo e, a partir das narrativas próprias, defender o território de ameaças.

Pelo compartilhamento generoso, agradecemos,

- Andres Tapia, líder de comunicação da Confederação de nacionalidades Indígenas Amazônicas do Equador (Confeniae) e intermediário no Equador durante o desenvolvimento do projeto.
- Participantes do Equador, Brasil, Colômbia e Peru no Primeiro diálogo Regional “Abrindo caminhos para o trabalho colaborativo”, realizado no dia 9 de março de 2023.





- Facilitadores do webinar “Narrativas de resistência diante dos crimes ambientais na Amazônia equatoriana”, [6 e 8 de junho de 2023] e da oficina presencial “Vamos tecer histórias. Narrativas de resistência diante dos crimes ambientais da Amazônia equatoriana”, [22 e 23 de julho de 2023]: Luis Xavier Solís Tenesaca, Laura Salas, Sani Montahuano, Lola Piaguaje e Camila Albuja.
- Às comunicadoras e comunicadores dos povos e nacionalidades de Equador que acompanharam os espaços virtuais e presenciais.

Todas estas atividades foram financiadas pelo povo dos Estados Unidos graças à Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Os conteúdos são de responsabilidade de Agenda Propia e não refletem necessariamente o ponto de vista de Internews, WCS, USAID nem do Governos dos Estados Unidos.





## Créditos

Casa Editorial Agenda Propia S.A.S.

O guia existe graças ao trabalho colaborativo de Nathalia Salamanca Sarmiento e Edilma Prada Céspedes (redação e edição), Giovanni Salazar (ilustrações, desenho e diagramação) e Diana Paola Gómez Mateus (tradução ao português). As fotografias neste documento fazem parte do arquivo de Agenda Propia, incluímos uma ilustração de César Galarza, desenhador gráficos do povo indígena Nasa, Colômbia.

**2023**

ISBN 978-958-53369-9-5



Esta publicação faz parte da **#MochiladeSaberes**, uma série de conselhos, guias e ferramentas elaborada por **Agenda Propia** para fortalecer o Jornalismo Colaborativo Intercultural na América Latina.



## Aviso de reserva de direitos

Todos os materiais produzidos pela **#MochiladeSaberes**, iniciativa da **Casa Editorial Agenda Propia S.A.S.**, existem graças ao trabalho colaborativo e co-criativo de uma equipe interdisciplinar indígena e não-indígena da América latina e outras regiões. Autorizamos a qualquer pessoa, natural ou jurídica, pública ou particular a reproduzir, comunicar e distribuir seus conteúdos sempre que se faça uso parcial ou total dos mesmos apresentando o contexto e se reconheça a **Casa Editorial Agenda Propia S.A.S.** como editora e às pessoas que aparecem nos respectivos créditos de cada documento nos seus diferentes papeis e atividades.

Visita:

[www.agendapropia.co/mochila-de-saberes](http://www.agendapropia.co/mochila-de-saberes)







Agenda  
propia

**#MochiladeSaberes**

 @AgendaPropiaGlobal

 Agenda\_propia

 @agendapropiaap

**[www.agendapropia.co](http://www.agendapropia.co)**

